

Jornalismo e Memória: as narrativas e vida como contraponto aos critérios de noticiabilidade¹

Gracielle Loures NOCELLI²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG.

RESUMO

Compreender as transformações da comunicação e do jornalismo através do tempo requer mais do que uma análise cronológica. É preciso avaliar o contexto histórico, social e econômico em que as mudanças ocorrem. O século XX foi um período de grande revolução para a comunicação. Nas primeiras décadas, a sociedade viveu as experiências da imprensa de grande tiragem, do rádio, do cinema e da televisão. “As novas invenções permitiram cruzar tempo e espaço, atingir um grande número de pessoas, dispersas em vários lugares, ao mesmo tempo.” (FRANÇA, 2012, p.11) O jornalismo também viveu muitas transformações. Inicialmente realizada por intelectuais de outras áreas, a atividade passou por um processo de profissionalização, o que levou ao fortalecimento dos jornalistas enquanto categoria, à criação de escolas de jornalismo e à mudança editorial que separa os conteúdos de opinião e as notícias. A concepção da notícia foi norteadas pelo conceito do acontecimento e pelos critérios de noticiabilidade, estabelecidos a partir do entendimento de que não seria possível informar todos os eventos ocorridos. Dentro desses critérios, seguidos até os dias de hoje pelas redações, estão a proximidade, a atualidade, a identificação social, a intensidade, o ineditismo e a identificação humana. (LAGE, 2001) Já ao final do século XX, a internet e as novas tecnologias proporcionaram novas experiências para os processos comunicacionais em sociedade. A convergência midiática fez com que o rádio, o audiovisual e a escrita estivessem disponíveis, literalmente, na palma da mão, no alcance de um clique e com atualizações em tempo real. Esta nova realidade impactou, mais

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 26 a 28 de maio de 2022.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, e-mail: gracielle.nocelli@estudante.ufjf.br.

uma vez, a produção e o consumo da informação. Por um lado, as mídias tradicionais precisaram migrar para a internet e recriar formatos, linguagem e até mesmo a relação com o público. Por outro, a audiência saiu da condição exclusiva de receptora e teve a oportunidade de produzir e compartilhar conteúdos. É também durante o século XX que há uma maior valorização dos estudos da memória. Diante de acontecimentos traumáticos que marcaram a humanidade neste período - como duas grandes guerras, o Holocausto e as ditaduras da América Latina -, o aumento da produção de memórias mostrou-se uma alternativa capaz de auxiliar o resgate da História, numa tentativa de evitar o esquecimento dos nossos traumas e, também, impedir que eles se repitam. A rememoração é fortalecida pela mídia, uma vez que as datas dos acontecimentos históricos integram a agenda do jornalismo. E é por conta do suporte oferecido a essa produção que o jornalismo pode ser considerado um “lugar de memória”. O conceito apresentado por Nora (1993) diz respeito às formas de materialização da memória, seja por meio de imagens, documentos, registros ou testemunhos. Palácios (2010, p.39) defende que o jornalismo é um lugar de memória, uma vez que é “produtor de repositórios de registros sistemáticos do cotidiano, para posterior apropriação e (re)construção histórica.” Maduell (2015, p.31) avalia, de forma específica, o jornal impresso como “um espaço de articulação de uma memória coletiva, social e profissional”. Ela ressalta, ainda, a possibilidade de disponibilização desse tipo de registro nos arquivos de bibliotecas. Diante do exposto, cabe questionar quais são as memórias que o jornalismo tem ajudado a construir. É preciso pensar quais são os tipos de registros que poderão ser acessados futuramente por pesquisadores, historiadores e demais interessados em fazer o resgate histórico de uma determinada época, acontecimento ou comunidade. É neste ponto que emerge esta pesquisa. Este artigo integra os estudos da autora sobre a seção Outras Ideias, publicada, semanalmente, pelo Caderno de Cultura do jornal Tribuna de Minas, com sede em Juiz de Fora, Minas Gerais, entre os anos de 2014 e 2020. Neste período, a autora era repórter do caderno de Economia e acompanhava as inúmeras tentativas do veículo de se adaptar às mudanças na comunicação e no jornalismo. Ao longo de 40 anos de

história, a Tribuna de Minas sempre se reinventou para sobreviver: das páginas em preto e branco às imagens coloridas, as alterações no projeto gráfico, a inserção e a retirada de editoriais. Com o advento das novas tecnologias, outra adaptação foi necessária: a presença na internet. É em meio a esse contexto de tentativas e reformulações que, em 2014, foi criada a coluna Outras Ideias, uma sugestão do então repórter de Cultura, Mauro Morais. Na contramão do uso dos critérios de noticiabilidade que norteiam o modelo informativo tradicional, o espaço foi dedicado à publicação de histórias de vida de pessoas comuns, sendo boa parte delas integrantes de grupos historicamente silenciados, como pessoas negras, LGBTQIA+, moradores da periferia da cidade, artistas de rua, praticantes de crenças não dominantes, trabalhadores informais, dentre outros. No início, a seção ocupava um quarto de página, em preto e branco. Mas o sucesso com os leitores fez com que ela ganhasse maior notoriedade, passando a ocupar uma página inteira, colorida e recebendo chamadas na capa. A coluna Outras Ideias foi responsável por aumentar o engajamento do jornal impresso em meio ao momento de crise deste formato. Na redação, eram comuns os telefonemas e e-mails de pessoas elogiando a publicação, sugerindo entrevistados e, até mesmo, procurando a edição impressa que não foi possível encontrar nas bancas de jornal. É possível observar semelhanças entre o jornalismo feito por Mauro Morais e o de Eliane Brum, na década de 90, quando trabalhou para o jornal Zero Hora, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Ambos se distanciam do modelo informativo tradicional, do conceito de acontecimento e dos critérios de noticiabilidade e abrem espaço para as histórias de vida e as memórias de pessoas comuns. O trabalho é realizado por meio da apuração presencial e uma escrita sensível, quase literária, repleta de observações dos autores. É Eliane Brum quem se autodenomina uma repórter de “desacontecimento”, fazendo menção à proposta de uma inversão do jornalismo tradicional, que é pautado no acontecimento. O termo “jornalismo de desacontecimentos” é usado por Abib (2017, p.12) para definir o trabalho de Brum, o qual considera uma escolha “jornalística e política”, de “contar os que estão à margem da sociedade, tornando-os protagonistas de suas narrativas”. É

possível que a atratividade do jornalismo de desacontecimentos esteja justamente na pausa que ele propõe ao ritmo acelerado dos dias atuais, dedicando tempo a uma espécie de imersão à vivência do outro. Além disso, oferece maiores chances do leitor criar conexões com essas histórias, a partir da identificação com a realidade de pessoas comuns. A proposta deste artigo é analisar o conteúdo da coluna Outras Ideias, considerando a possibilidade de que integre a vertente do “jornalismo de desacontecimentos” e, assim, investigar quais são as memórias produzidas pela seção e a relevância delas para a posteridade. Para isso, além da pesquisa bibliográfica, é feita uma análise de conteúdo. Esta pesquisa também estabelece um questionamento sobre a relevância de o jornalismo abrir espaço para vozes que não são contempladas pela narrativa oficial. Mesmo que os registros de histórias de vida de pessoas comuns sejam recortes de memórias e estejam dotados de subjetividade, isto não invalida o valor histórico que possuem, como afirma Pollak (1989). Segundo o sociólogo, ao privilegiar as memórias individuais dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, cria-se uma oposição à memória oficial. O conteúdo da coluna Outras Ideias revela uma Juiz de Fora que, até então, não era vista: a periferia que não está apenas nas páginas policiais do jornal; as crenças que vão além das religiões dominantes; a beleza que não atende um único padrão; as vozes que foram por muito tempo silenciadas. Portanto, o objeto de estudo abre a possibilidade de discutir caminhos para a promoção de um jornalismo polifônico responsável por criar memórias coletivas mais diversas.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; memória; narrativas de vida; desacontecimento; jornalismo impresso.

REFERÊNCIAS

ABIB, T.A. **O Jornalismo de Desacontecimentos e o novo percurso narrativo de Eliane Brum: diálogos e transformações.** 2017. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Comunicação) – FAAC – UNESP, sob a orientação do Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura. Bauru, 2017.

BARBOSA, M. **Tempos midiáticos: passado, presente e futuro em modos narrativos**. Revista Brasileira de História da Mídia, v.8, n.2, jul/dez 2019.

BRUM, E. **A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

BRUM, E. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago editorial, 2006.

FRANÇA, V. **O acontecimento e a mídia**. Galáxia. São Paulo, SP, n. 24, p. 10-21, dez. 2012.

HALL, S. **Codificação decodificação. Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **Cultura da conexão**. São Paulo: Aleph, 2014.

LAGE, N. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: UFSC - Insular, 2001.

MADUELL, I. **O jornal como lugar de memória: reflexões sobre a memória social na prática jornalística**. Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM), v.4, n.1, jan./jun. 2015.

MAROCCO, B. A. **Os procedimentos de controle e a resistência na prática jornalística**. Galaxia. São Paulo, SP, n. 30, p. 73-85, dez. 2015.

MORAIS, M. **A história de todos nós que vem da história de cada um: as micronarrativas de Mauro Morais em tempos de Covid-19**. Entrevista concedida a Pedro Miranda, Laura Sanábio e Vanessa Martins. Juiz de Fora, 2020. Disponível em: <https://medium.com/namidia-discute>

MUSSE, C.F. **A imprensa e a memória do lugar: Juiz de Fora (1870/1940)**. In: Anais do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2007. Juiz de Fora (MG).

NOCELLI, G.L. **Os desafios da pandemia da Covid-19 ao jornalismo local - Um recorte da realidade em Juiz de Fora**. In: Anais do 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2020.

NORA, P. **Entre a memória e a história: a problemática dos lugares**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduados em História, v.10. São Paulo, PUC, 1993.

PALACIOS, M. **Convergência e memória: jornalismo, contexto e história**. Matrizes, Ano 4, Nº 1 jul./dez. 2010, p. 37-50.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3 (1989). p. 3-15.

RITTER, E. **Novos jornalistas literários: métodos, técnicas e experimentações**. Comunicação & Informação. Goiânia, GO, v. 21, n. 1, p. 20-36, jan./mai. 2018.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da
Comunicação
XXV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Poços de Caldas - MG – 26 a
28/05/2022

SODRÉ, M. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento.**
Petrópolis: Vozes, 2009.
WOLF, M. **Teorias da Comunicação.** Lisboa: Editorial Presença, 1987.